

PERDEU A COMPOSTURA...

Nós esperavamos que a conferencia do Sr. Ruy Barbosa sobre a *Questão Social*, hontem pronunciada no Theatre Lyrico, fosse essencialmente uma peça oratoria em que o nosso eminente patricio advogasse com a serenidade de um juriconsulto a causa das classes proletarias, tão amesquinçadas pela insolencia brutal dos patrones, tão desprezadas pelos poderes publicos. Contavamos que o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa dissesse, como governo que foi, como congressista que é, desde os primeiros annos da Republica, quaes os esforços por S. Ex. despendidos, nestes trinta annos de regimen, para dar a esses eternos sacrificados um pouco mais de conforto, de bem estar e de reconhecimento de direitos. Fallando para um auditorio que se admitia fosse, na sua maioria, composto daquelles que regressavam das fabricas, cansados do aspero trabalho, a linguagem que nos parecia mais adequada seria aquella que, num estylo facil e corrente, sem atavismos e rebuscamentos, dissesse os soffrimentos da gente humilde e para ella trouxesse um bocado de esperanza de dias melhores. Para que violencias demagogicas? Para que ironias ferinas? Para que pôr na alma desses operarios o desanimo do futuro? Para que chamal-os ao terreno da politiquice, do despeito, pintando-lhes esta patria como um lodaçal immenso, onde todos vivemos chafurdando ignobilmente? Para que tentar convencer-os de que somos governados por uma corja de gatunos desbriados? Pois numa hora em que as reivindicações sociaes tomam o aspecto ameaçador do bolshevikismo, quando todos os espiritos sensatos buscam encaminhar as aspirações das classes proletarias dentro da ordem e do respeito ás autoridades constituidas, seria crível que um homem como o eminente Sr. Conselheiro Ruy Barbosa viesse para o palco do Lyrico — por simples divergencias politicas com as maiores forças eleitoraes do paiz — acirrar odios e pintar os governantes como mulambos aos quaes ninguem deve respeitar? Não cuidaria S. Ex. que, desprestigiando o Governo perante os operarios, estava *ipso facto* pregando a revolta? E achará S. Ex. que o momento que o Brasil atravessa é propicio a essas violencias fataes para quem se compenetrasse de que através daquellas palavras de ouro vinha a verdade?

Tudo isso perguntavamos a nós mesmo e perguntavamos com o sincero desejo de que o glorioso Sr. Ruy Barbosa discutisse a *Questão Social*, sem a misturar com essa politica que lhe causa tanto nojo, desde o dia em que se separou de Pinheiro Machado...

Acabamos de ouvir o grande brasileiro. As suas palavras sonoras cantam-nos ainda aos ouvidos, como uma symphonia bem instrumentada e contrapontada com maestria.

Para nós foi uma decepção, e dizemo-lo com tanto maior constrangimento, porque sempre admiramos o talento genial do Sr. Ruy Barbosa e sempre o desejámos vêr muito alto, na região onde palram as agulhas e não no ferreiro onde perambulam os perus.

A *Questão Social* foi um pretexto para que o Sr. Ruy Barbosa agredisse com inaudita violencia a quantos não quizeram subscrver a sua candidatura. A sua conferencia é uma obra amarga de pessimismo, onde as reputações de varios *leaders* são atassalhadas implacavel e injustamente, onde o Brasil nos apparece como um paiz miseravel, onde a nossa raça surge como a mais covarde de todo o mundo. Fora do Theatre Lyrico não havia patria: "O Brasil, senhores, sois vós. O Brasil é esta assembléa. O Brasil é este comício immenso, de almas livres. Não são os commensaes do erario. Não são as ratazanas do Thesouro. Não são os mercadores do parlamento. Não são os sanguessugas da riqueza publica. Não são os falsificadores de eleições. Não são os compradores de jornaes. Não são os corruptores do systema republicano. Não são os olgrachas estadaes. Não são os Ministros de tarracha. Não são os presidentes de palha. Não são os publicistas de aluguer. Não são os estadistas de impostura. Não são os diplomatas de marca estrangeira."

Convenhamos que, numa hora em que estamos tomando parte num Congresso de Nações, bosquejar um quadro em que o Brasil apparece, desse feito, resumido num theatro de duas mil pessoas é fazer uma obra de impatriotismo condemnavel. Não é desmoralizando-nos, não é amesquinhando-nos, não é ampliando os nossos males até as proporções de um cancro incuravel, que o nosso eminente patricio pôde fazer jus ao aprego de seus concidadãos.

Comprehendemos perfeitamente que o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa, sentindo a sua validade ferida, tolhido nas suas aspirações á presidencia da Republica, tenha necessidade de desabafo. Elles são pelo menos humanos. Mas, quando se chega á sua idade, quando se possui uma longa vida de experiencia, parece-nos que se tem a obri-

gação de guardar uma certa compostura, de criticar com justiça, de se não transformar num pamphletario vulgar. Mas ainda não se deve perder o senso da oportunidade.

Infelizmente não procedeu assim o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa.

Se no Lyrico estivessem effectivamente os operarios e se elles dessem credito ás objurgatorias que o Sr. Ruy atirava sobre a maioria dos politicos brasileiros com os quaes S. Ex. longamente conviveu; se aceitassem como verdades indiscutiveis aquellas palavras que reduzem o Brasil a uma terra dirigida por "salafrarios, cuja secura gargalga as torneiras do Thesouro como a dos páos d'agua, na taberna das garrafas de zurrapa" — então esses operarios teriam o direito de implantar aquelle maximalismo rubro que ensanguenta a Russia.

Mas, desde quando esses "salafrarios" ah! estão?

Foram elles, porventura, que assignaram o decreto do Banco dos Estados Unidos do Brasil, onde os solicitadores dos ministros advogados recebiam quinhões? Oh! Foram certamente elles que receberam de Mayrink trezentas apolices ouro; que no extrangeiro escreveram contra a sua propria patria; que aqui pleitearam sempre, como politicos, causas contra os interesses da União; que receberam o palacete da rua das Laranjeiras, onde hoje habita o Conde Modesto Leal. Foram elles, certamente, que aceitaram "o facto consummado" numas eleições bahianas ao tempo de Affonso Penna; que estigmatizaram Caim, mas que, sob as ordens de Caim, collocaram seus descendentes. Foram elles ainda que chegaram até esse negocio alarmante da soda caustica. Ha quantos annos exerceram elles toda essa pirataria? E onde estava o Sr. Ruy Barbosa, que só os descobrio depois da convenção que indicou o Marechal Hermes á presidencia da Republica?

Perdoe-nos o nosso glorioso patricio a impertinencia da nossa curiosidade. Mas é que nós tambem amamos ao Brasil, tambem o queremos vêr grande e bello e ainda não nos convencemos de que, para chegar a esse fim, precisamos de generalizar ataques a torto e a direito e de dizer aos operarios que, fóra do Sr. Ruy Barbosa, não ha consciencia de brio e de civismo; e que "nós, desta guisa, vamos, pé adiante, pé atrás, mão atrás, mão adiante, ao tom da chocalhada, por essas terras de Santa Cruz, por essas immensidades, que as valladas afundam, as chãs explanam, as florestas encrepam, as serranias azulejam, as aguas dos rios argentinam e os raios do sol dardejante semeiam de ouro, — por ahi vamos, a orelha murcha, o olho baixo, o passo apalpante, as moscas ao lombo, cabeceando banzando, caxingando, na marcha tardonha e truptante da eterna obediencia, do ramerrão eterno, cansada, arquejante, resignada, somnorenta, sem outro cuidado mais o do que o do pasto e bebedeiro á boca."

Não! Os operarios não iriam ao Theatre Lyrico para ouvir essas cousas tristes. O que elles queriam é que o Sr. Ruy Barbosa lhes recordasse as vezes innumeraveis que, como Senador da Republica, lhes pleiteou os direitos junto do Poder Legislativo, lhes advogou as reclamações perante o Governo. Ha quanto tempo os operarios reclamam melhorias de vida? Quantos projectos foram apresentados ao Congresso Nacional cuidando desses assumptos? E quando foi que o eminente Sr. Conselheiro Ruy Barbosa poz a sua palavra ao serviço dessa causa justa? Qual a sua contribuição pessoal, para que se votassem leis favoraveis ás classes proletarias? Conhecendo como ninguem o problema social, tendo, como tem, um enorme prestigio entre seus pares quanto seria facil ao genial bahiano conseguir que as aspirações dos operarios se transformassem numa bella realidade!

Mas, então, S. Ex. não se lembrava dos que morrem nos teares e nas forjas; não ouvia o clamor de desespero dessas mulheres e crianças, que a inconsciencia dos patrones explora sem piedade, nem as supplicas dos que queriam que se lhes definissem regalias e deveres.

Agora S. Ex. acorda dessa lethargia e, para merecer os votos desses humildes, lembra-lhes o que ainda se não fez em favor delles e chama "salafrarios" aos que por elles não trabalharam!

Permitta-nos o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa que lamentemos a sua conferencia de hontem, em que S. Ex. tomou attitudes incompativeis com os interesses vitaes da Nação, em que S. Ex. perdeu inteiramente a compostura. Não a estamos analysando, não a pormenorizamos — tão longa ella é: registamos uma impressão que é — estamos seguros — a da maioria dos homens sensatos do Brasil, os quaes verho com magua igual á nossa, até que ponto pôde a agulha baixar, quando lhe irritam a validade ou quando se oppõem barreiras ás suas immensas ambições...

(Da "Gazeta de Noticias", do dia 21).